

Vastas emoções no intenso agora

Em novo romance, Cristovão Tezza se aproveita da atual balbúrdia brasileira para o exercício do que faz com maestria: devassar a intimidade de indivíduos desorientados pelas relações sociais e amorosas

SÉRGIO DE SÁ
ESPECIAL PARA O EM

A publicação de um romance de Cristovão Tezza é sempre motivo de alegria. Saber que ele chega em meio à pandemia redobra a disposição para a leitura, porque o escritor curitibano, nascido em Santa Catarina, lança na página as confusões do mundo contemporâneo, incluindo origem e destino. Faz isso com coragem rara entre os autores brasileiros: examinar literariamente o que está aí – e incomoda.

Quase à maneira de um inglês, Tezza entra não na comédia, mas na tragédia de costumes, para fazer jogo fácil de palavras que aponta para uma sofisticação feita a partir do senso comum. Em *A tensão superficial do tempo*, reencontra-se o narrador seguro de si, ainda que (ou por que) seu protagonista seja um professor de química incerto, tímido, cheio de dúvidas em sua tabela periódica da vida.

Cândido não se chama Cândido à toa, *bien sûr*. Claro que a referência à personagem naïf do francês Voltaire se apresenta para demonstrar a sátira de um país que não é para inocentes ou ingênuos, como diz, mais ou menos assim, a expressão popular. O romance – e toda obra de Tezza – olha para dentro dos indivíduos em contraste com a experiência das relações sociais.

O que se repete neste novo romance são as múltiplas perspectivas que se espalham com bastante coesão ao longo das páginas. Desta vez, Cândido está sentado no Passeio Público, em Curitiba, celular à mão, e daí vai remontando os contatos diretos com uma dezena de pessoas. São longos e densos parágrafos, nos quais as vozes se misturam, para deleite do leitor atento.

Essa amarração é uma das maiores proezas técnicas do livro, essa intercalação de falas e cenas sem tropeços para a leitura. Trata-se da química inexplicável de um filme bem montado, ainda de modo analógico. E, com isso, Tezza está a nos dizer que, se a vida não é filme (como numa canção dos Paralamas), ela é feita de imagens que vão e vêm sem pedir licença, sem ordem ou coerência.

Sim, o tempo está sempre prestes a explodir na cabeça, nessa pressão de superfície (exterior) ou na sua banalidade de bolha ou espuma. Basta uma agulha para espetar a película e colocar tudo a perder. Cândido rememora encontros com mulheres (pretendentes, amantes) e amigos de trabalho do cursinho pré-vestibular (pré-Enem). Cândido, com o leitor na cola, pensa sobre o cotidiano fílmico da mãe.

Dona Lurdes é viciada em filmes. Passa suas horas diante de uma tela que exhibe ficção. Com esse motivo ou desculpa maternal, o filho transforma-se num pirateador contumaz. Sabe tudo sobre como baixar, salvar, compartilhar. Extensões de arquivos, compressões necessárias, adição de legendas em qualquer língua. É um expert na arte de encontrar raridades do cinema na rede. Dribla o streaming para cair no torrent.

Qual, portanto, a dimensão da inocência tímida de Cândido? No país dos puxadinhos e seus contornos antiburocráticos, ele tem direito de acessar arte dessa forma? Legal, imoral ou engordada? Tezza traz um procurador quase inconveniente (em Curitiba, vejam bem) para o debate. Inclui os professores do cursinho e suas acirradas diferenças ideológicas, além dos alunos com a ainda indeterminada disposição para o cinismo.

Não menos importante aqui são as relações entre homens e mulheres. A tradutora Beatriz, personagem central no romance *Um erro emocional* (2010), está de volta. Divide a cena com outros nomes quiméricos de destaque nesta trama: Hélia, Líria, Antonia. Ex-mulher, paquera proibida pela relação professor-aluna, amante casada. Na classe média curitibana supostamente exemplar, todo mundo é um pouco Dalton Trevisan.

Uma chave de leitura vampiresca deste *A tensão superficial do tempo* é o otimismo de encontrar respostas que nunca serão atingidas. O autor está a nos dizer do cansaço do momento, em que todos têm opinião e solução pra tudo, particularmente nas redes sociais. O romance é um convite à experiência de vivermos no fio desencapado e real da linguagem, conscientes de todas as contradições morais, éticas, cívicas, educacionais.

Assim, o país irracional e burro de Bolsonaro é objeto de escrutínio a partir do entrelaçamento de histórias, conversas, pensamentos. No calor da hora, Cristovão Tezza oferece uma interpretação que, se pudesse ser totalmente resumida aqui, faria a obra perder o sentido, faria desbotar a verdade literária que brota da boa literatura de um dos mais importantes escritores brasileiros.

Entre frases ditas em itálico, filmes pirateados e a procura da emoção amorosa, o romance pode ser ótima forma de passar o tempo. Ou de matar o tempo nesse espaço contínuo de insanidade que é o Brasil, lugar esquecido das metáforas, consumido pelo retrocesso nas liberdades individuais, carente de visão democrática de conjunto, descrente de reais e científicas reações químicas. Sem jamais perder a esperança.

Sérgio de Sá é doutor em estudos literários, professor na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e autor do livro *A reinvenção do escritor: literatura e mass media* (UFMG)



● **A TENSÃO SUPERFICIAL DO TEMPO**
● De Cristovão Tezza
● Todavia
● 265 páginas
● R\$ 64,90; e- book: R\$ 39

TRECHOS DO LIVRO

Um silêncio de pedra caiu em torno da mesa, rompi-do apenas pelo arrastar de cadeiras quando todos largaram o balcão do café e começaram a se acomodar para a grande reunião mensal da Usina, segundo os planos democráticos do Batista, o tópico agora era como fica o nosso projeto diante das diretrizes atuais do Ministério da Educação (se é que fica alguma coisa em pé em algum lugar com esse governo, comentou alguém, o ministério é inacreditável), e de tudo Cândido guardou apenas a expressão “deus ex machina”, o que significa mesmo? Um dia eu soube, e pensou em discretamente consultar o Google no celular, porra, filha da puta, que mulher bonita, mas o que isso queria mesmo dizer? Como assim, bonita? O olhar foi um momento transgressor, aconteceu alguma coisa, era nisso que estava a beleza, não nos olhos, aquela indescendência de fios verdes que escapavam e transpareciam, nem na covinha do queixo, nem na espécie do sorriso e no seu tom orgânica-

mente provocativo, banhado de humor, ou a pele, não mais tão jovem e no entanto ainda inteira viva, um instante de passagem que se prolonga, maduro, mas de tudo ele guardou a transgressão, o que o resto da noite confirmaria, um sinal atrás do outro, evidentes como pistas deixadas num jogo de crianças, em que as chaves se escondem escancaradamente justo para serem encontradas entre risos de falsa surpresa — uma volta à infância, eu sei, mas agora com o conhecimento do bem e do mal. Se eu tivesse de fazer um retrato falado, ele pensou, seria exatamente a imagem daquele momento. Ele olhou para ela com a mesma intensidade, ambos momentaneamente congelados, e a fotografia restou marcada, nítida, onipresente: eu não consigo sair dali, e o Uber virou à direita na Saldanha Marinho, o caminho mais tortuoso de todos, o motorista não conhece a cidade, mas a demora o deixou feliz, eu não quero escapar desse sentimento.

mente provocativo, banhado de humor, ou a pele, não mais tão jovem e no entanto ainda inteira viva, um instante de passagem que se prolonga, maduro, mas de tudo ele guardou a transgressão, o que o resto da noite confirmaria, um sinal atrás do outro, evidentes como pistas deixadas num jogo de crianças, em que as chaves se escondem escancaradamente justo para serem encontradas entre risos de falsa surpresa — uma volta à infância, eu sei, mas agora com o conhecimento do bem e do mal. Se eu tivesse de fazer um retrato falado, ele pensou, seria exatamente a imagem daquele momento. Ele olhou para ela com a mesma intensidade, ambos momentaneamente congelados, e a fotografia restou marcada, nítida, onipresente: eu não consigo sair dali, e o Uber virou à direita na Saldanha Marinho, o caminho mais tortuoso de todos, o motorista não conhece a cidade, mas a demora o deixou feliz, eu não quero escapar desse sentimento.

ENTREVISTA

CRISTOVÃO TEZZA (FOTO)

“ENTRAMOS NUMA ERA PERIGOSA DE EVANGELISMO LITERÁRIO”

Em termos de estrutura narrativa, quais as diferenças de *A tensão superficial do tempo* para seus romances anteriores?

Esse livro segue a voz narrativa que minha literatura assumiu desde *O fotógrafo*, e se intensificou nos romances seguintes, como *Um erro emocional*, *O professor*, *A tradutora*, *A tirania do amor*. Mas sinto que agora eu radicalizei alguns procedimentos. O livro inteiro, o seu tempo cronológico, por assim dizer, se passa em praticamente meia hora, sempre na perspectiva solitária do personagem Cândido, num momento de aguda crise pessoal por uma fratura amorosa. Neste caminho de “juntar os cacos” da memória, o romance vai enguendo a história pessoal de Cândido. Para mim, é um processo mais instintivo da escrita do que um planejamento racional. Mas é um instinto já educado pela experiência, é claro.

Quais sensações e discussões o cinema é capaz de proporcionar e que você tentou incorporar ao novo livro?

O cinema, que é a mais impressionante “réplica do mundo” que se inventou, tem uma presença avassaladora na vida das pessoas, em praticamente todos os aspectos – culturais, emocionais, intelectuais, sexuais, ideológicos, estéticos, tudo. De certa forma, a literatura, em particular nas formas romanescas e narrativas, também teve historicamente este papel de “duplo” da realidade. O que impressiona no cinema é a ilusão de pura realidade que a imagem cria pela força da sua exatidão gráfica. A chamada realidade são milhões de fragmentos, e cada obra de arte monta o quebra-cabeças de um jeito próprio.

Bem, voltando à pergunta: sinto que o cinema influenciou meu olhar literário como técnica de recorte (eu só consigo escrever a partir do que eu vejo; todo livro que escrevo começa por uma imagem). Mas tem um outro aspecto, o temático: no livro, o cinema entrou como um tema central do argumento: o personagem é um pirateiro de internet, um “nerd” obsessivo que abastece sua mãe de filmes, e quase sempre filmes B, antigos, esquecidos. Assim, fala-se muito de cinema no livro, mas numa abordagem comum, cotidiana, como a de todo mundo. Para a mãe de Cândido, por exemplo, o filme não é um objeto estético a merecer considerações teóricas, mas apenas um divertimento instrutivo, uma fonte exemplar de avaliação moral do comportamento das pessoas retratadas. Milhões de pessoas vivem cinema assim.

Como a conjuntura política se insere na intimidade de seus personagens?

Se a narrativa tem uma pegada de base realista – tempo, espaço, referências históricas concretas –, inevitavelmente o entorno político, ou pelo menos sua sombra, acaba entrando na cabeça dos personagens em um momento ou outro. Vai depender do foco da narração. Esse aspecto não era comum nos meus ro-

mances dos anos 1980 e 1990, embora aparecesse incidentalmente em alguns deles, como *Uma noite em Curitiba* ou *O fantasma da infância*. Mas de uns anos pra cá – eu já sou outra pessoa, o país também mudou e o mundo é outro –, a política começou a entrar mais fortemente. Não como tema, mas como pano de fundo. Às vezes, o personagem exige. Em *A tirania do amor*, por exemplo, como tratar um economista brilhante do mercado financeiro de ponta de São Paulo sem considerar seu imaginário político? Mesmo que você não queira, ele vai aparecer. No caso de *A tensão superficial do tempo*, o personagem central é o tipo de pessoa que a minha geração chamaria de “alienado politicamente”. Mas é um professor que convive com professores, num ambiente em que só se fala de política, e pior, em 2019, em pleno bolsorismo. Além disso, ele se envolve de forma fulminante com a mulher de um procurador da República; para onde quer que ele olhe ou sinta, a angústia política estará presente. Até a mãe dele, a velhinha que gosta de filmes, é viúva de militar – impossível o governo não entrar na conversa.

É arriscado fazer literatura sobre e no calor da hora? Ou os escritores brasileiros fazem pouco disso? Poderia citar alguns exemplos, nacionais ou internacionais, desta ou de outras épocas, que lhe agradam?

É um risco que não me preocupa, porque meu objeto de narração sempre são as pessoas – o momento político, quando aparece, é mero pano de fundo. É preciso separar literatura de panfleto político – que, aliás, é um gênero bastante específico; a sua vida curta é o seu próprio DNA. O panfleto é escrito não sobre um momento, mas para um momento. Passado o momento, perde o sentido. Mas a boa prosa literária de ficção, desde a sua constituição mais clássica, sempre respirou o “calor da hora”, direta ou indiretamente. O romance, como gênero, sempre se alimenta deste presente vivo. Leia-se os clássicos do século 19, por exemplo, Dickens, Stendhal, George Eliot, Flaubert, Zola, os russos todos – tudo que acontecia em torno reverberava naquelas páginas. Mesmo modernamente, a ficção nunca perdeu este vínculo com o instante presente. Há momentos históricos em que esse traço é mais presente; em outros, menos. Para a minha geração, romancistas como Carlos Heitor Cony e Antonio Callado, para citar dois exemplos bem nítidos, não tinham as referências concretas do seu tempo. Dos anos 1980 em diante, esse contato perdeu alguma presença entre nós, ou mudou de foco, mas de uns anos pra cá parece que está voltando. Na prosa de língua inglesa – considerem-se Philip Roth e Ian McEwan – o “calor da hora” frequentemente se transforma em tema romanesco. Na França, pense em escritores como Emmanuel Carrère e Michel Houellebecq.



Qual a moral da literatura num país de pessoas armadas até os dentes na guerra ideológica?

A literatura é uma reserva preciosa de sensibilidade da linguagem. No momento em que as palavras são massacradas impietosamente pela estupidez política, como agora, a literatura preserva todo o infinito potencial da linguagem, as sutilezas da percepção da inescapável vida em comum. Um dos traços da sensibilidade literária é manter permanentemente o ouvido atento ao mundo dos outros: são sempre os outros que povoam os bons livros, mesmo quando escrevemos sobre nós mesmos.

A República de Curitiba é uma verdade ou é uma ficção? Como essa “república”, notabilizada nacionalmente pela Lava-Jato, se inseriu em seu novo livro?

A “República de Curitiba” é, antes de tudo, uma expressão engraçada – a ideia infantil de algo encastelado, resistente ao resto do mundo, como a aldeia de Asterix. Mas não veio do nada. Uma análise sociológica talvez observe a conjunção acidental de um processo jurídico voluntarista realmente inédito e surpreendente sobre aspectos da corrupção política brasileira, com uma cidade bastante conservadora, que passou a ver, nesse processo puramente jurídico-legal, uma bandeira política. O que é uma combinação quase sempre mortal. O Brasil gosta de admirar Curitiba como a cidade imaginária de algum sonho europeu, a fantasia de um Brasil sem Brasil. No meu romance, o vínculo é apenas acidental – a mulher por quem Cândido se apaixonou é casada com um procurador da República em crise por ter se decido se aceita ou não um cargo em Brasília.

Quais devem ser os compromissos de um escritor que vive em um país gigante, mas de poucos leitores?

Escritor tem de escrever. Ponto. Sinto que estamos entrando numa era perigosa de evangelismo literário. Se o escritor não se preservar, vira pastor de almas.